

ORAÇÃO DE SÃO FRANCISCO

Em vida, São Francisco nunca roeu pequi. Não se tem notícia d’algum momento que ele tenha pelo menos beirado o Brasil, rolado no Cerrado ou mesmo nadado n’algum rio de água doce em terras tupiniquins. Amante dos animais, São Francisco talvez tenha até amado os bichos brasileiros também, mas, até pela distância – os tempos eram outros – , nunca viu qualquer espécie da nossa fauna, muitos menos da nossa avifauna. São Francisco não teve acesso a avião. Nem à televisão. Tampouco à internet.

Mesmo sem o amarelo do pequi entre os dentes, São Francisco, porém, tem um quê de sertanejo. Privilegiou os pobres. Abraçou com todo afeto a natureza e rezou pelos bichos. Se tivesse conhecido, São Francisco certamente teria amado Baleia nos seus flagelos de Morte e Vida e Severina. E se Euclides da Cunha, em seu tempo, parasse para rabiscar alguma coisa sobre o nobre Santo, talvez concluiria: “São Francisco é antes de tudo um forte”.

Nenhum Santo talvez tenha recebido tantas homenagens como São Francisco. O Tio Sam batizou uma das maiores cidades norte-americanas de San Francisco. Se os monges são beneditinos, os padres são franciscanos. A sandália do pobre, que hoje é moda entre os ricos, sempre foi a franciscana. Chico Bento, que, ao lado de Rosinha, sempre chora quando seca o ribeirão, é o mais lindo personagem da história das histórias em quadrinhos.

Qual foi será a reação do nosso herói, lá do céu, quando recebeu a notícia de que seu harmônico nome batizaria o rio mais especial do planeta Terra? E, anos mais tarde, quantos pulos de alegria ele não deve ter dado entre as nuvens quando esse rio, carinhosamente, passou a ser chamado de Velho Chico?

Ah, São Francisco! Quem dera tivéssemos todos um coração tão bom para merecer uma homenagem dessas. Melhor que qualquer medalha de ouro. Melhor que o beijo da eterna namorada. Melhor que rapadura molhada. Quem dera tivéssemos um coração tão bom.

O rio que leva seu nome, São Francisco, é, junto com o pequi, a jóia do Cerrado. O Cerrado é, pra nós, sertanejos como o senhor, ou como você – talvez sua simplicidade até prefira assim –, o mais importante bioma brasileiro. Só que o Cerrado, sem gíria, está lenhado, tratorado, massacrado, arrasado.

Veja o senhor, ou melhor, veja você, que depois de terem derrubado quase todos os pequizeiros coloridos, estão querendo sugar as águas do seu rio, do nosso rio, num projeto megalomaniaco, que nas capitais tem recebido o nome de transposição. O nosso rio, São Francisco, precisa é ser revitalizado.

Nesta terceira edição da *REVISTA VERDE GRANDE*, este terceiro pequi que roemos em nossa tigelinha eco-cultural de educação ambiental, vamos falar, quase que exclusivamente – nada é exclusivo – do Cerrado, já que estamos em plena 16ª Festa Nacional do Pequi. Uma festa nacional que era só de Montes Claros desde o início, mas que a partir deste ano é uma festa nacional regional, com o incremento do Expresso

Pequi a espalhar, em 2005, a cultura do Cerrado por mais sete municípios do Norte de Minas: Matias Cardoso, Grão Mogol, Engenheiro Navarro, Capitão Enéas, Jaíba, Francisco Sá e, é claro, São Francisco. Quem dera até 2007, nos 150 anos de Montes Claros, seja esta uma festa nacional pelo menos estadual, para que depois disso tenhamos a possibilidade de organizar em nossa Moc uma festa nacional mesmo!

Para falar de Cerrado, buscamos, em especial, o apoio da equipe do Centro de Agricultura Alternativa, o CAA, que em 2005 comemora 20 anos de lutas, histórias e pesquisas. Mas, principalmente, buscamos o apoio dos que levam a vida na poesia e fazem de cada novo dia, realmente, um novo dia.

Fiquemos, como São Francisco sempre quis, em paz. E lembremos sempre: só amando, seremos amados. Só preservando, seremos preservados. É dando que se recebe. De mãos juntas, vamos preservar o Cerrado, nem que seja na marra. São Francisco, lá de cima, com certeza, está fazendo a parte dele.

